

CURSO DE DISCIPULADO • 12 AULAS

Ensinos Fundamentais da Igreja Metodista Livre

As doutrinas essenciais da fé cristã e da herança wesleyana, para quem está começando a caminhada ou deseja firmar os fundamentos.

Cada aula traz o conteúdo, perguntas e respostas, aplicação prática, questões para conversa e o compromisso da semana. Ao final, um teste: na múltipla escolha você recebe a nota na hora; nas perguntas abertas, tente responder de cabeça e depois clique para conferir a resposta sugerida. Clique numa aula para abrir.

Aula 1

Bem-vindo à família de Deus: a Igreja Metodista Livre

Versículo para memorizar: "Vocês, porém, são raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamarem as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz." (1Pe 2.9, NAA)

Pergunta norteadora: Que igreja é esta da qual agora faço parte, e o que ela espera de mim?

Objetivos da aula: ao final desta aula, você deverá ser capaz de contar, em poucas palavras, a origem do metodismo e da Igreja Metodista Livre; identificar as ênfases que marcam a nossa identidade; e compreender que pertencer a uma igreja local é parte essencial da vida cristã.

1. Você não caminha sozinho

Quando alguém se converte a Jesus Cristo, não recebe apenas um Salvador: recebe também uma família (Jo 1.12; Ef 2.19). A vida cristã não foi desenhada para ser vivida de forma isolada. Por isso, este curso começa apresentando a comunidade na qual Deus colocou você: a Igreja Metodista Livre, uma comunidade cristã da tradição wesleyana que existe para ajudar pessoas a conhecerem Jesus Cristo, crescerem na fé e participarem da missão de Deus no mundo.

2. De onde viemos: John Wesley e o metodismo

O movimento metodista nasceu no século XVIII, na Inglaterra, liderado pelo pastor anglicano John Wesley e por seu irmão Charles. O apelido "metodista" começou como zombaria, por causa do método rigoroso de estudo bíblico, oração e serviço praticado pelo grupo; os Wesley, porém, abraçaram o nome.

Em 24 de maio de 1738, numa reunião na Rua Aldersgate, em Londres, ouvindo a leitura do prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, John Wesley sentiu o coração "estranhamente aquecido". Ali ele compreendeu que a fé não é apenas crença intelectual, mas confiança pessoal em Cristo, e experimentou a certeza do perdão pelo testemunho interno do Espírito Santo (Rm 8.16). Essa experiência marcou o metodismo para sempre: doutrina e experiência, mente e coração, caminham juntas.

O metodismo uniu, desde o início, evangelização fervorosa e compromisso social. Em plena Revolução Industrial, Wesley pregou aos pobres, combateu a escravidão, promoveu educação e cuidado com os necessitados. Sua declaração de propósito resume bem o espírito do movimento: "reformular a nação, particularmente a igreja, e espalhar a santidade bíblica por toda a terra".

3. A Igreja Metodista Livre: liberdade e santidade

A Igreja Metodista Livre nasceu em 1860, em Pekin, no oeste do estado de Nova York, nos Estados Unidos, sob a liderança de Benjamin Titus Roberts, pastor metodista e reformador social. Ela surgiu num momento tenso da história. De um lado, havia a grande crise moral da escravidão; de outro, um anseio dentro do metodismo por recuperar seu fogo original — o chamado wesleyano à santidade bíblica, a simplicidade do movimento primitivo e o acolhimento dos pobres. Roberts e seus companheiros não desejavam fundar algo novo, mas permanecer fiéis a algo antigo: um metodismo fiel às suas raízes, contrário à escravidão, livre do arrendamento de bancos que reservava os melhores lugares aos ricos e empurrava os pobres para as margens, comprometido com a simplicidade no culto, com a liberdade do Espírito e com a plena participação dos leigos na vida e nas decisões da igreja.

O nome "Metodista Livre" foi escolhido deliberadamente, e ainda fala às igrejas em todos os continentes hoje. Ele proclama quatro liberdades:

1. Liberdade para os escravizados. Desde o primeiro dia, a igreja se posicionou contra a escravidão e a favor da dignidade dada por Deus a todo ser humano. O Evangelho liberta as pessoas, e essa liberdade tem consequências visíveis no modo como nos tratamos uns aos outros (Lc 4.18; Gl 3.28; Gl 5.1).

2. Liberdade de lugar para os pobres. Ao abolir a venda e o arrendamento de bancos, os fundadores declararam que a casa de Deus pertence igualmente a ricos e pobres. Fazer acepção de pessoas na assembleia é trair o próprio Evangelho (Tg 2.1-9).

3. Liberdade no culto. O culto foi mantido simples e sem ornamentos, para que a atenção repousasse em Jesus e não na exibição ou no status, com espaço para o Espírito se mover. "Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2 Co 3.17; Jo 4.23-24).

4. Liberdade de participação para todos. Na crença de que Deus derrama seu Espírito e seus dons sobre todo o seu povo, a igreja acolheu a participação ativa dos leigos — homens e mulheres — no serviço e na liderança (At 2.17-18; 1 Co 12.4-11; Gl 3.28).

No entanto, a palavra "livre" carrega um sentido ainda mais profundo. A maior liberdade não é social nem política, mas espiritual: a liberdade da culpa e do poder do pecado, que somente Cristo concede. "Se o Filho os libertar, vocês serão verdadeiramente livres" (Jo 8.36; Rm 8.2). É por isso que liberdade e santidade pertencem juntas ao nosso nome e à nossa vida. Somos libertados do pecado para sermos libertados para o amor — amor a Deus com todo o coração e amor ao próximo como a nós mesmos. Santidade pessoal e compaixão social não são rivais, mas duas expressões da mesma graça libertadora.

Daqueles modestos começos, a Igreja Metodista Livre tornou-se uma família mundial. Hoje está presente em mais de 100 países, com cerca de um milhão e meio de membros, organizada em conferências gerais em vários continentes, cada uma servida por seus próprios bispos, com algumas de suas comunidades maiores e de crescimento mais acelerado na África, na Ásia e na América Latina. Não somos mais a igreja de uma única nação, mas uma comunhão global de muitos povos, línguas e culturas, unidos numa só fé e numa só missão.

No Brasil, a história começou com o missionário japonês Massayoshi "Daniel" Nishizumi, que chegou em 1928 para evangelizar os imigrantes japoneses. O primeiro culto foi realizado em 1º de novembro de 1936, em São Paulo. Com a chegada dos missionários americanos e do Pr. José Emílio Emerenciano a partir de 1946, a igreja se expandiu também entre os brasileiros, experimentando em 1947 um grande avivamento espiritual.

Essa missão nunca mudou: ser uma comunidade bíblica e saudável, um povo santo, multiplicando discípulos, líderes, grupos e igrejas, e espalhando a santidade bíblica por toda a terra (Mt 28.19-20; 1 Pe 1.15-16). Onde quer que você cultue e qualquer que seja o seu idioma, ao pertencer a uma congregação Metodista Livre, você pertence a essa mesma família e partilha desse mesmo chamado. (Conheça mais sobre a história nos apêndices D e E).

4. O que nos caracteriza

A tradição metodista costuma ser resumida em quatro afirmações sobre a salvação (Quadrilátero de Epworth), que estudaremos ao longo deste curso:

- Todos precisam ser salvos (Rm 3.23).
- Todos podem ser salvos (Jo 3.16; Tt 2.11).
- Todos podem saber que são salvos (Rm 8.16; 1Jo 5.13).
- Todos podem ser salvos completamente (1Ts 5.23).

Além disso, ser Metodista Livre significa valorizar a centralidade da Bíblia e da pregação do Evangelho; a busca de uma vida santa, cheia de amor a Deus e ao próximo; a união entre fé e ação, santidade pessoal e responsabilidade social; cultos simples, que ajudam as pessoas a prestarem atenção em Jesus, e não em nós mesmos; a participação de homens e mulheres em todos os níveis de liderança, pois Deus concede dons a todos; e um espírito não sectário, que reconhece e ama os irmãos de outras igrejas cristãs (Mc 9.38-40; Ef 4.1-6).

Perguntas e Respostas

P. 1. O que é a Igreja Metodista Livre?

R. É uma comunidade cristã da tradição wesleyana que existe para ajudar pessoas a conhecerem Jesus Cristo, crescerem na fé e participarem da missão de Deus no mundo (Mt 28.19-20).

P. 2. Por que nos chamamos "metodistas"?

R. Porque os primeiros irmãos do movimento, liderados por John Wesley, eram metódicos na oração, no estudo da Bíblia e no serviço ao próximo; o apelido virou nome (At 2.42).

P. 3. Por que nos chamamos "livres"?

R. Porque nossos fundadores defenderam a liberdade dos escravos, o lugar dos pobres na igreja, a liberdade no culto e a participação de todos na vida da igreja (Gl 5.1, 13).

P. 4. Qual é o lema que herdamos de Wesley?

R. Espalhar a santidade bíblica por toda a terra, unindo evangelização e compromisso com a justiça e a compaixão (1Pe 1.15-16; Mq 6.8).

Aplicação prática

Pertencer a uma igreja não é como ser cliente de um serviço religioso, mas membro de uma família e de um corpo (1Co 12.12-27). Nesta semana, procure conhecer pessoas da sua igreja local: aprenda nomes, participe de um culto e de um pequeno grupo, e pergunte ao seu pastor ou discipulador como você pode começar a servir.

Reflexão pastoral: muitos cristãos novos esperam encontrar uma igreja perfeita, e logo se decepcionam. A igreja é, ao mesmo tempo, divina e humana, ideal e imperfeita (1Jo 1.8). Ame a igreja real, não a igreja imaginária: foi por ela que Cristo se entregou (Ef 5.25).

Questões para conversa

- O que mais chamou a sua atenção na história de John Wesley e na origem da Igreja Metodista Livre?
 - A experiência de Aldersgate mostra que fé é confiança, não apenas crença. Qual é a diferença, na prática?
 - Das quatro afirmações metodistas sobre a salvação, qual fala mais ao seu coração hoje? Por quê?
 - De que maneiras a união entre santidade pessoal e responsabilidade social pode se expressar na sua cidade?
-

Compromisso da semana

Memorize 1Pe 2.9 e agradeça a Deus, em oração, por tê-lo(a) chamado das trevas para a luz e colocado numa família de fé.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Versículo para memorizar: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra." (2Tm 3.16-17, NAA)

Pergunta norteadora: Como posso ter certeza de que Deus fala comigo, e onde encontro a sua voz?

Objetivos da aula: compreender o que é a Bíblia e por que ela tem autoridade suprema sobre a fé e a vida; entender a unidade entre Antigo e Novo Testamentos; e firmar o hábito da leitura diária das Escrituras.

1. Deus se revela

O cristianismo não é fruto de especulação humana sobre Deus; é resposta à iniciativa de Deus, que se deu a conhecer. Como escreveu Karl Barth, "só conhecemos a Deus porque Ele se dá a conhecer". Deus se revela na criação (Sl 19.1-4; Rm 1.20), falou "muitas vezes e de muitas maneiras" pelos profetas e, "nestes últimos dias, nos falou pelo Filho" (Hb 1.1-2). Jesus Cristo é a revelação plena e definitiva de Deus: "Ele é a imagem do Deus invisível" (Cl 1.15); quem o vê, vê o Pai (Jo 14.9). Por isso, qualquer suposta revelação ou experiência que contradiga a revelação de Cristo deve ser rejeitada (1Jo 4.1-3; Gl 1.8).

2. O que é a Bíblia?

A Bíblia é a Palavra escrita de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e registrada por autores humanos escolhidos por ele (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21). Nela encontramos tudo o que precisamos para conhecer a Deus, entender o caminho da salvação e aprender a viver de modo agradável ao Senhor. Ela é viva e eficaz (Hb 4.12), lâmpada para os nossos pés (Sl 119.105) e a verdade que nos santifica (Jo 17.17).

A Bíblia é a autoridade suprema para a fé e a conduta cristã. Tudo o que cremos, ensinamos e praticamos deve ser examinado à luz das Escrituras (At 17.11). Nenhuma tradição, experiência ou opinião humana está acima dela. Na tradição wesleyana, valorizamos também a razão, a experiência e o testemunho da Igreja ao longo da história, mas sempre como servas da Escritura, nunca como suas rivais.

3. Antigo e Novo Testamentos: uma só história

A Bíblia reúne 66 livros, escritos ao longo de muitos séculos, e conta uma única grande história: a história do amor redentor de Deus. O Antigo Testamento prepara e promete; o Novo Testamento cumpre e revela. Jesus afirmou que Moisés escreveu a seu respeito (Jo 5.39, 46), e os apóstolos anunciaram que Cristo morreu e ressuscitou "conforme as Escrituras" (1Co 15.3-4). Por isso, não desprezamos o Antigo Testamento nem o lemos isolado: lemos toda a Bíblia com os olhos voltados para Cristo, seu centro e chave de interpretação (Lc 24.27).

4. Como ler a Bíblia com proveito

A leitura bíblica não é um dever mecânico, mas um meio de graça: um encontro com Deus. Algumas orientações práticas ajudam o novo discípulo:

- **Ore antes de ler**, pedindo entendimento ao Espírito, que inspirou o texto (Sl 119.18; 1Co 2.12-14).
- **Leia com regularidade**, de preferência todos os dias, em horário definido (Js 1.8; Sl 1.1-3). Um bom começo é o Evangelho de Marcos ou de João.
- **Leia com atenção ao contexto**: pergunte o que o texto dizia aos primeiros leitores antes de perguntar o que diz a você.
- **Leia para obedecer**, não apenas para saber: "Sejam praticantes da palavra e não apenas ouvintes" (Tg 1.22).
- **Leia em comunidade**: o estudo na igreja e no pequeno grupo protege contra interpretações particulares e falsas doutrinas (At 2.42;

Ef 4.14).

Perguntas e Respostas

P. 5. O que é a Bíblia?

R. A Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e escrita por autores humanos escolhidos por ele (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21).

P. 6. Para que Deus nos deu a Bíblia?

R. Para nos dar a conhecer a Deus, o caminho da salvação em Cristo e a vontade do Senhor para a nossa vida (Jo 5.39; Sl 119.105).

P. 7. Qual é a autoridade da Bíblia?

R. Ela é a autoridade suprema em assuntos de fé e conduta; tudo deve ser examinado à luz das Escrituras (2Tm 3.16-17; At 17.11).

P. 8. Qual é o centro da Bíblia?

R. Jesus Cristo: o Antigo Testamento o promete, o Novo Testamento o revela (Lc 24.27; Hb 1.1-2).

Aplicação prática

Escolha desde já um plano simples: um capítulo por dia do Evangelho de Marcos, com um caderno ao lado para anotar três coisas: o que o texto ensina sobre Deus, o que ensina sobre nós e um passo concreto de obediência para o dia.

Reflexão pastoral: não meça sua leitura bíblica pela quantidade, mas pela obediência. Mais vale um versículo praticado do que um livro inteiro lido com pressa. A Palavra é pão (Mt 4.4): alimente-se diariamente, e com calma.

Questões para conversa

- Se Jesus é a revelação plena de Deus, como devemos avaliar experiências, sonhos ou supostas profecias?

- Por que é importante ler o Antigo Testamento, e não apenas o Novo?
- Qual é a diferença entre ler a Bíblia para saber e ler para obedecer? Dê exemplos.
- Que obstáculos têm dificultado a sua leitura diária, e como a classe pode ajudar você a vencê-los?

Compromisso da semana

Comece o plano de leitura do Evangelho de Marcos e memorize 2Tm 3.16-17.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 3

Deus: Pai, Filho e Espírito Santo

Versículo para memorizar: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." (Mt 28.19, NAA)

Pergunta norteadora: Quem é o Deus em quem cremos e em cujo nome fomos (ou seremos) batizados?

Objetivos da aula: confessar a fé no Deus único que existe eternamente em três pessoas; conhecer a pessoa e a obra de Jesus Cristo; e reconhecer o Espírito Santo como Deus presente e atuante em nós.

1. Um só Deus em três pessoas

Cremos em um só Deus (Dt 6.4), que existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Não são três deuses, mas um só Deus verdadeiro; as três pessoas são distintas entre si, mas uma só em essência, glória e vontade (Mt 28.19; 2Co 13.14; Jo 1.1-3; Gn 1.26). Esse é o fundamento da fé cristã.

A Trindade não é um enigma inventado por teólogos, mas a forma como Deus se revelou: o Pai que envia, o Filho que salva, o Espírito que aplica a salvação aos nossos corações (Gl 4.4-6). Nenhuma comparação humana explica plenamente esse mistério, e isso não deve nos surpreender: um Deus pequeno o bastante para caber em nossa mente não seria grande o bastante para salvar o mundo. Confessamos que Deus é santo, justo, compassivo e bondoso, tardio em irar-se e grande em misericórdia e fidelidade (Êx 34.5-6; Sl 86.15; 1Jo 1.5).

2. Quem é Jesus Cristo?

Jesus é o Cristo, o Messias prometido por Deus. Ele é o Filho eterno de Deus, que se fez homem por amor de nós, sem deixar de ser Deus: totalmente Deus e totalmente humano (Jo 1.1, 14; Cl 2.9), concebido pelo Espírito Santo e nascido da virgem Maria (Lc 1.35; Mt 1.18-23). Por meio dele todas as coisas foram criadas e nele subsistem (Jo 1.3; Cl 1.16-17).

Jesus viveu sem pecado (Hb 4.15; 1Pe 2.22), morreu na cruz como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29; Is 53.5-6), ressuscitou corporalmente ao terceiro dia (1Co 15.4; Lc 24.6-7), subiu aos céus e está assentado à direita do Pai, de onde reina e intercede por nós (Hb 1.3; 7.25; Ef 1.20-21). Ele voltará pessoal e visivelmente para julgar vivos e mortos (At 1.11; 2Tm 4.1). Ele é o único mediador entre Deus e os seres humanos (1Tm 2.5) e é digno de receber toda a adoração que é conferida ao Pai (Fp 2.9-11; Ap 5.12-13).

Em Jesus, Deus se revelou de maneira perfeita. Como disse Atanásio de Alexandria, "Ele se fez homem para que nós fôssemos feitos filhos de Deus".

3. Quem é o Espírito Santo?

O Espírito Santo é Deus presente e atuante em nós e entre nós: pessoa divina, verdadeiro Deus, participante pleno da Trindade (At 5.3-4; 2Co 13.14). Ele não é uma força impessoal nem uma "energia"; ele ensina,

consola, intercede, pode ser entristecido — características de uma pessoa (Jo 14.26; Rm 8.26; Ef 4.30).

A Escritura o chama de Consolador, Espírito da Verdade, Espírito de Deus e Espírito de Cristo (Jo 14.16-17; Rm 8.9). Sua obra na salvação é indispensável: ele convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), conduz a Cristo, regenera o pecador (Jo 3.5-6; Tt 3.5), habita em cada crente e o sela como propriedade de Deus (Ef 1.13-14; 1Co 3.16), guia (Rm 8.14), ilumina as Escrituras (1Co 2.12-14), fortalece para a vida santa (Gl 5.22-23) e distribui dons para a edificação da igreja (1Co 12.4-11). Sem a ação do Espírito Santo, ninguém entende de verdade o Evangelho, nasce de novo ou vive a vida cristã como deve viver.

4. Por que isso importa para a vida?

A doutrina da Trindade não é teoria distante: ela molda a nossa oração e a nossa comunhão. Oramos ao Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito (Ef 2.18). E, porque Deus é em si mesmo comunhão de amor eterno (Jo 17.24), entendemos por que fomos criados para amar e viver em comunidade: o Deus trino nos chama a refletir a sua unidade na vida da igreja (Jo 17.21).

Perguntas e Respostas

P. 9. O que cremos sobre Deus?

R. Cremos em um só Deus, que existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; 2Co 13.14).

P. 10. Quem é Jesus Cristo?

R. É o Filho eterno de Deus, totalmente Deus e totalmente humano, que viveu sem pecado, morreu por nossos pecados, ressuscitou ao terceiro dia, reina à direita do Pai e voltará em glória (Jo 1.1, 14; 1Co 15.3-4; At 1.11).

P. 11. Quem é o Espírito Santo?

R. É Deus presente e atuante em nós: convence do pecado, conduz a Cristo, regenera, habita no crente, santifica e capacita o povo de Deus (Jo

16.8; Tt 3.5; 1Co 3.16).

P. 12. Como nos relacionamos com o Deus trino?

R. Oramos ao Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito Santo (Ef 2.18).

Aplicação prática

Nesta semana, ao orar, experimente conscientemente essa estrutura trinitária: agradeça ao Pai pelo seu amor, ao Filho pela sua entrega na cruz e ao Espírito por sua presença constante em você.

Reflexão pastoral: quando você não souber orar, lembre-se de que a Trindade ora com você: o Filho intercede por você à direita do Pai (Hb 7.25), e o Espírito intercede em você com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Você nunca ora sozinho.

Questões para conversa

- Por que não podemos dizer que o Pai, o Filho e o Espírito são apenas três "modos" ou "máscaras" de um mesmo Deus?
- Que diferença faz, na prática, crer que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem?
- Em que situações você já percebeu a ação do Espírito Santo convencendo, consolando ou guiando você?
- Como a comunhão eterna entre Pai, Filho e Espírito ilumina o valor da comunhão na igreja?

Compromisso da semana

Memorize Mt 28.19 e ore cada dia de modo trinitário: ao Pai, por meio do Filho, no Espírito.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Versículo para memorizar: "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23, NAA)

Pergunta norteadora: Se Deus criou tudo bom, de onde veio o mal — e o que o pecado fez conosco?

Objetivos da aula: reconhecer a dignidade do ser humano criado à imagem de Deus; compreender a origem do mal e a natureza do pecado; e perceber a necessidade universal de salvação.

1. Criados à imagem de Deus

A Bíblia começa afirmando a dignidade do ser humano: "Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26-27). Fomos criados por Deus e para Deus, com a capacidade de conhecê-lo, amá-lo e representá-lo no cuidado da criação. Por isso toda vida humana é sagrada, do início ao fim, e toda pessoa deve ser tratada com dignidade, pois mesmo após a Queda a imagem de Deus permanece no ser humano (Gn 9.6; Tg 3.9).

Deus nos criou com liberdade real. Ele poderia ter feito criaturas incapazes de desobedecer, mas isso resultaria num universo de autômatos, programados para obedecer; os gestos de amor e adoração não seriam resposta pessoal e voluntária. O livre-arbítrio está profundamente ligado ao amor: Deus procura adoradores verdadeiros, que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23-24), e não criaturas controladas por freios e cabrestos, como o cavalo e o burro (Sl 32.9). A possibilidade de escolhas erradas acompanha o valor da liberdade necessária para que o amor seja genuíno (Dt 30.19-20).

2. De onde veio o mal?

Deus não é o autor do mal: "Deus é luz, e nele não há treva nenhuma" (1Jo 1.5); ele não tenta ninguém (Tg 1.13); e tudo o que criou era "muito

bom" (Gn 1.31). O mal surgiu do mau uso da liberdade concedida às criaturas, angelicais e humanas. "Deus fez o ser humano reto, mas ele se meteu em muitas astúcias" (Ec 7.29). No Éden, nossos primeiros pais desconfiaram da bondade de Deus e desobedeceram ao seu mandamento (Gn 3.1-7), e por meio dessa desobediência o pecado e a morte entraram no mundo (Rm 5.12).

Deus, porém, não perdeu o controle da história. Em sua sabedoria, ele conduz todas as coisas ao desfecho que prometeu: um novo céu e uma nova terra, onde o mal será definitivamente vencido (Rm 8.28; Ap 21.3-4).

3. O que é pecado?

Pecado é toda rebelião contra Deus. É tanto uma condição de afastamento do Senhor quanto os atos, palavras e pensamentos que brotam dessa condição (Rm 3.9-18; Mc 7.21-23). O pecado não é apenas um erro isolado ou uma fraqueza; é um poder destruidor que escraviza (Jo 8.34; Rm 6.16), distorce a vida e corrói até as estruturas da sociedade.

Os efeitos do pecado alcançam todas as nossas relações: ele quebra a comunhão com Deus, fere o próximo, divide o coração e degrada a criação. Gera culpa, escravidão, desordem interior, injustiça e morte, "porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). E é universal: "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Ninguém pode salvar a si mesmo por boas obras, religiosidade ou moralidade (Ef 2.8-9; Rm 3.10-23). Como a torre de Babel, toda tentativa humana de alcançar o céu por mérito próprio fracassa: o movimento da salvação não é de baixo para cima, mas de cima para baixo.

4. Mortos, mas não autômatos

A Escritura descreve o pecador como "morto em delitos e pecados" (Ef 2.1): separado de Deus, escravizado, incapaz de salvar-se. Mas essa morte espiritual não transforma o ser humano num cadáver moral, incapaz de qualquer resposta quando Deus o chama. O filho pródigo "estava morto e reviveu" (Lc 15.24); mesmo "morto", ele pôde cair em si e voltar ao pai

(Lc 15.17). Jesus chamou os perdidos de "doentes" que precisam de médico (Lc 5.31-32), e Deus ordena que todos, em toda parte, se arrependam (At 17.30).

Como veremos na aula 6, isso só é possível porque a graça de Deus age primeiro, despertando, convencendo e chamando o pecador. A imagem de Deus, embora ferida, permanece; a responsabilidade moral permanece; e a porta da misericórdia está aberta a todos.

Perguntas e Respostas

P. 13. O que é o ser humano?

R. É a criatura feita à imagem e semelhança de Deus, criada por Deus e para Deus, com dignidade e liberdade (Gn 1.26-27).

P. 14. Deus criou o mal?

R. Não. Deus criou tudo muito bom; o mal surgiu do mau uso da liberdade das criaturas (Gn 1.31; Ec 7.29; Tg 1.13).

P. 15. O que é pecado?

R. É toda rebelião contra Deus: a condição de afastamento dele e os atos, palavras e pensamentos que brotam dessa condição (Rm 3.23; 1Jo 3.4).

P. 16. Quais são os efeitos do pecado?

R. Culpa, escravidão, separação de Deus, dano ao próximo e à criação, e morte (Rm 6.23; Is 59.2).

P. 17. Alguém pode salvar a si mesmo?

R. Não. A salvação não vem de obras nem de religiosidade, mas unicamente da graça de Deus em Cristo (Ef 2.8-9).

Aplicação prática

O diagnóstico bíblico do pecado nos livra de dois enganos: o orgulho de quem se acha bom demais para precisar de salvação, e o desespero de

quem se acha mau demais para ser alcançado. Diante de Deus, somos todos mendigos da graça — e a graça é oferecida a todos.

Reflexão pastoral: ao falar de pecado, lembre-se sempre de que o objetivo de Deus não é nos humilhar, mas nos curar. O médico só pode tratar o paciente que aceita o diagnóstico (Lc 5.31-32). Confessar o pecado não é mórbido; é o primeiro passo da liberdade (1Jo 1.9).

Questões para conversa

- Por que um mundo com liberdade (e risco de mal) expressa mais o amor de Deus do que um mundo de criaturas programadas?
- Em que aspectos a imagem de Deus permanece visível nas pessoas, mesmo não convertidas?
- Qual é a diferença entre ver o pecado como "erros isolados" e vê-lo como condição e poder escravizador?
- Por que a comparação do pecador com um "doente que precisa de médico" é boa notícia?

Compromisso da semana

Memorize Rm 3.23 e separe um momento para confessar seus pecados a Deus com sinceridade, agradecendo porque nele há perdão (Sl 130.3-4).

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 5

O Evangelho: a obra de Jesus Cristo

Versículo para memorizar: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (Jo 3.16, NAA)

Pergunta norteadora: O que exatamente Jesus fez por mim — e por que isso é a melhor notícia do mundo?

Objetivos da aula: compreender o conteúdo do Evangelho; conhecer as cinco grandes dimensões da missão de Cristo; e responder ao Evangelho com gratidão e fé.

1. O que são as Boas Novas?

"Evangelho" significa "boa notícia". E a boa notícia é esta: Deus agiu de maneira decisiva em Jesus Cristo para nos salvar. "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1Co 15.3-4). Por meio de Jesus, Deus oferece perdão, reconciliação, vida nova e esperança (2Co 5.17; Rm 1.16). Não há Evangelho sem a cruz, nem sem a ressurreição.

O Evangelho não é um conselho ("faça isto para se salvar"), mas um anúncio ("Deus fez isto para salvar você"). Por isso ele gera alegria, gratidão e fé, e não medo ou autossuficiência.

2. A missão de Jesus em cinco movimentos

Proclamar o Reino de Deus. Jesus veio anunciar as boas novas do Reino, chamando as pessoas ao arrependimento, à fé e à vida sob o governo de Deus (Mc 1.14-15; Lc 4.18-19). Seus ensinamentos, milagres e libertações mostravam que o Reino já havia chegado em sua pessoa (Mt 12.28).

Morrer por nossos pecados. Jesus morreu na cruz em nosso lugar. Sendo justo, entregou-se pelos injustos, levando sobre si o peso do nosso pecado para nos reconciliar com Deus (Is 53; Mc 10.45; Rm 5.8-9; 2Co 5.21; 1Pe 2.24). Na cruz, a justiça e o amor de Deus se encontraram.

Ressuscitar dos mortos. No terceiro dia, Jesus ressuscitou corporalmente. Assim venceu o pecado, a morte e o diabo, e garantiu a esperança da nossa própria ressurreição (Rm 1.4; 4.25; 1Co 15.17-20, 54-57). Sem a ressurreição, a fé cristã seria vã; com ela, a morte deixou de ter a última palavra.

Reinar e interceder por nós. Exaltado à direita do Pai, Jesus reina sobre todas as coisas, intercede por seu povo e derramou o Espírito Santo sobre a Igreja (At 2.33-36; Fp 2.9-11; Ef 1.20-23; Hb 7.25). O Cristo que morreu por você agora vive por você.

Voltar em glória. Jesus voltará para julgar os vivos e os mortos, pôr fim ao mal e consumir plenamente o Reino de Deus (At 1.11; 2Tm 4.1; Mt 25.31-46). A história não caminha para o caos, mas para Cristo.

3. Cristo morreu por todos

Uma das convicções mais preciosas da nossa herança wesleyana e arminiana é a expiação ilimitada: o sacrifício de Cristo é suficiente para todos e oferecido a todos, e se torna eficaz em todos os que respondem ao Evangelho com arrependimento e fé. Deus amou o mundo (Jo 3.16-17); a graça se manifestou salvadora a todas as pessoas (Tt 2.11); Cristo morreu por todos (2Co 5.14-15; Rm 5.18; Hb 2.9); ele é a propiciação "pelos pecados do mundo inteiro" (1Jo 2.2); e Deus deseja que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4-6).

Rejeitamos, portanto, a ideia de que apenas alguns poucos foram destinados à salvação enquanto o restante estaria predestinado à perdição. Ninguém está excluído do convite do Evangelho. Quando você evangeliza, pode dizer a qualquer pessoa, com plena convicção: "Cristo morreu por você".

4. A salvação já, agora e ainda

Salvação é a grande obra de Deus em nosso favor: ele nos perdoa, nos liberta do domínio do pecado e nos dá nova vida em Cristo (Rm 5.15-21; 2Co 5.18-21). Ela começa agora, transforma a vida no presente e será consumada na ressurreição e na plena presença de Deus. Fomos salvos da condenação (Rm 8.1), estamos sendo salvos do poder do pecado (1Co 1.18; Fp 2.12-13) e seremos salvos na glória futura (Rm 13.11).

Perguntas e Respostas

P. 18. O que é o Evangelho?

R. É a boa notícia de que Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, oferecendo perdão e vida nova a todos (1Co 15.3-4; Jo 3.16).

P. 19. Por que Jesus morreu na cruz?

R. Para levar sobre si o nosso pecado, morrendo em nosso lugar, e nos reconciliar com Deus (Is 53.5-6; 2Co 5.21; 1Pe 2.24).

P. 20. Por que a ressurreição é essencial?

R. Porque nela Cristo venceu o pecado e a morte e garantiu a nossa ressurreição; sem ela, a nossa fé seria vã (1Co 15.17-20).

P. 21. Por quem Cristo morreu?

R. Por todos os seres humanos, sem exceção; sua salvação se torna eficaz nos que creem (1Jo 2.2; 1Tm 2.4-6; Mc 16.16).

P. 22. O que Jesus faz por nós hoje?

R. Reina sobre todas as coisas e intercede por nós à direita do Pai, e um dia voltará em glória (Hb 7.25; At 1.11).

Aplicação prática

Porque Cristo nos reconciliou com Deus, podemos nos aproximar do Pai com confiança (Hb 4.16). Uma rotina simples de oração pode seguir cinco passos: adoração (reconheça quem Deus é e o louve), confissão (seja sincero sobre seus pecados), gratidão (agradeça as bênçãos recebidas), petição (apresente suas necessidades) e intercessão (ore por pessoas, pela igreja e pela missão de Deus).

Reflexão pastoral: o Evangelho não é apenas a porta de entrada da vida cristã; é o chão sobre o qual andamos todos os dias. Quando a culpa pesar, volte à cruz; quando o medo da morte rondar, volte ao túmulo vazio; quando o futuro parecer incerto, lembre-se de quem reina.

Questões para conversa

- Em suas palavras: qual é a diferença entre o Evangelho como "anúncio" e a religião como "conselho"?
- Qual das cinco dimensões da missão de Cristo era menos conhecida por você? O que mudou ao conhecê-la?
- Que diferença faz, na evangelização, crer que Cristo morreu por todos?
- Como a intercessão atual de Cristo (Hb 7.25) consola você nas lutas presentes?

Compromisso da semana

Memorize Jo 3.16 e compartilhe com alguém, nesta semana, em linguagem simples, o que Jesus fez por nós.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 6

A graça de Deus: o amor que chega primeiro

Versículo para memorizar: "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie." (Ef 2.8-9, NAA)

Pergunta norteadora: Se ninguém merece a salvação, como ela chega até nós — e por que alguns a recusam?

Objetivos da aula: definir a graça de Deus; compreender a graça preveniente, marca da teologia wesleyana; e entender por que a graça pode ser resistida, tornando cada pessoa responsável pela sua resposta.

1. O que é graça?

Graça é o amor de Deus vindo ao nosso encontro sem que o mereçamos. É o favor imerecido do Senhor para pecadores e necessitados (Rm 5.6-8; Ef 2.4-9). Tudo o que recebemos de Deus para a salvação vem da sua graça: o chamado, o perdão, a vida nova e o poder para perseverar. Não conquistamos o amor de Deus; ele nos amou primeiro (1Jo 4.19). A parábola do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14) ilustra essa verdade: foi justificado não o que confiava em suas obras, mas o que se humilhou e clamou por misericórdia.

2. A graça que age antes: a graça preveniente

Antes mesmo de alguém se converter, Deus já está agindo. Ele desperta, convence, atrai e chama a pessoa para Cristo. Na tradição wesleyana, essa atuação é chamada de graça preveniente — a graça que "vem antes". A verdadeira luz "ilumina a todo homem" (Jo 1.9); o Pai atrai (Jo 6.44); Cristo, levantado na cruz, atrai todos a si (Jo 12.32); o Espírito convence do pecado (Jo 16.8); e a graça de Deus "se manifestou salvadora a todas as pessoas" (Tt 2.11).

Isso significa duas coisas ao mesmo tempo: a salvação é inteiramente da graça — ninguém busca a Deus por iniciativa própria —, e o ser humano é responsável pela resposta que dá ao chamado de Deus. A graça preveniente não salva automaticamente; ela capacita o pecador, ferido pela queda, a responder com arrependimento e fé ao Evangelho.

John Wesley comparava a salvação a uma casa. A varanda é a graça preveniente: Deus atraindo, despertando e chamando a pessoa antes da conversão. A porta é a justificação: pela fé e pelo arrependimento, a pessoa entra em Cristo e recebe perdão. Os cômodos são a santificação: dentro da casa, o crente cresce em santidade, amor e obediência. Guarde essa imagem; ela acompanhará as próximas aulas.

3. A graça que pode ser resistida

A graça de Deus é oferecida a todos, mas não opera de modo coercivo e irresistível. As Escrituras registram, com tristeza, que pessoas podem

resistir ao chamado divino: "Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes eu quis reunir os seus filhos... e vocês não quiseram!" (Mt 23.37); os fariseus "rejeitaram o plano de Deus para eles" (Lc 7.30); "vocês sempre resistem ao Espírito Santo" (At 7.51); a graça pode ser recebida "em vão" (2Co 6.1); e os convidados do banquete "não quiseram vir" (Mt 22.3; veja ainda Sl 81.11; Pv 1.24-25; Zc 7.11-12; Jo 5.40; Hb 3.7-15).

Por que Deus permite que sua graça seja resistida? Pela mesma razão que vimos na aula 4: ele deseja amor verdadeiro, não submissão programada. A graça resistível preserva, ao mesmo tempo, a glória de Deus (toda a salvação vem dele) e a responsabilidade humana (a perdição de quem se recusa não pode ser atribuída a Deus, que deseja que todos sejam salvos — 1Tm 2.4; 2Pe 3.9).

Perguntas e Respostas

P. 23. O que é graça?

R. É o favor imerecido de Deus: seu amor vindo ao nosso encontro sem que o mereçamos (Ef 2.8-9; Rm 5.8).

P. 24. O que é graça preveniente?

R. É a graça que age antes da conversão: Deus despertando, convencendo, atraindo e capacitando o pecador a responder ao Evangelho (Jo 1.9; 6.44; 16.8; Tt 2.11).

P. 25. A graça de Deus pode ser resistida?

R. Sim. Deus oferece salvação a todos, mas não força ninguém; cada pessoa é responsável por aceitar ou rejeitar o seu chamado (Mt 23.37; At 7.51; 2Co 6.1).

P. 26. Quem pode ser salvo?

R. Todos os que se arrependem e creem em Jesus Cristo, pois Deus deseja que todos sejam salvos (1Tm 2.4; Ap 22.17).

Aplicação prática

Olhe para trás e reconheça a graça preveniente na sua própria história: pessoas que oraram por você, palavras que tocaram seu coração, circunstâncias que o aproximaram de Deus antes mesmo de você crer. Nada disso foi acaso. Agradeça nominalmente a Deus por esses instrumentos da sua graça — e lembre-se de que você pode ser esse instrumento na vida de outra pessoa.

Reflexão pastoral: a graça preveniente muda o modo como evangelizamos. Não vamos a ninguém como quem leva Deus a um território onde ele não está; vamos como quem coopera com um Deus que chegou primeiro e já está trabalhando naquele coração. Isso nos dá ousadia sem arrogância, e paciência sem desânimo.

Questões para conversa

- Identifique na sua história de conversão sinais da graça que agiu antes de você crer.
- Por que a doutrina da graça preveniente impede tanto o orgulho ("eu busquei a Deus sozinho") quanto o fatalismo ("não há nada que eu possa fazer")?
- Como manter um espírito fraterno com cristãos que pensam diferente sobre eleição e graça?
- Quem, no seu círculo de relacionamentos, pode estar sendo alvo da graça preveniente hoje? Como você pode cooperar com Deus nessa vida?

Compromisso da semana

Memorize Ef 2.8-9 e escolha uma pessoa pela qual orar diariamente, pedindo que ela responda à graça de Deus.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

A resposta do coração: arrependimento, fé e novo nascimento

Versículo para memorizar: "O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam no evangelho." (Mc 1.15, NAA)

Pergunta norteadora: O que devo fazer para ser salvo — e o que acontece em mim quando creio?

Objetivos da aula: compreender a conversão como resposta à graça; distinguir arrependimento verdadeiro de simples remorso; entender a fé como confiança; e maravilhar-se com o novo nascimento.

1. Conversão: a grande virada

Conversão é a mudança que acontece quando respondemos à graça de Deus com arrependimento e fé. É voltar-se do pecado para Deus e abraçar uma nova direção de vida (At 26.18; Ef 4.22-24). Não é apenas emoção passageira, decisão social ou herança de família: é uma resposta real e consciente ao chamado do Senhor, como aconteceu com Paulo no caminho de Damasco (At 9.1-21) — embora, na maioria de nós, de forma bem menos espetacular. O que importa não é a intensidade da experiência, mas a realidade da mudança de direção.

2. Arrependimento: mudança de mente e de rumo

Arrependimento é mudança de mente, de coração e de direção. É reconhecer o pecado, abandoná-lo e voltar-se para Deus com sinceridade (Sl 51.1-14; Lc 15.17-20). O arrependimento verdadeiro não é apenas remorso — Judas sentiu remorso e pereceu; Pedro se arrependeu e foi restaurado. O remorso olha para si e se desespera; o arrependimento olha para Deus e volta para casa.

O arrependimento verdadeiro produz fruto: uma vida que deseja obedecer ao Senhor (Lc 3.8-14; At 26.20). Ele não é um pagamento que

oferecemos a Deus para merecer perdão; é a mão vazia que larga o pecado para poder receber a graça.

3. Fé: confiar, não apenas concordar

Fé cristã é confiar em Jesus Cristo de maneira pessoal e obediente. Não é apenas admitir que Deus existe — "até os demônios creem... e tremem" (Tg 2.19) —, mas entregar-se a Cristo e descansar nele para a salvação (At 16.31; Ef 2.8-9). Foi essa a descoberta que aqueceu o coração de Wesley em Aldersgate: fé como confiança (fidúcia), não mera crença.

A fé não é uma obra meritória que conquista a salvação; é a resposta humilde e confiante à oferta graciosa de Deus. E a fé verdadeira se expressa em obediência e perseverança: "a fé sem obras é morta" (Tg 2.14-26). As obras não são a raiz da salvação, mas são o seu fruto necessário.

4. O novo nascimento

Quando o pecador se arrepende e crê, Deus realiza nele um milagre que Jesus chamou de novo nascimento: "Quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus" (Jo 3.3). O novo nascimento é a obra pela qual o Espírito Santo nos dá nova vida (Jo 3.5-8; Tt 3.5). Não é melhorar o comportamento, nem virar uma "pessoa religiosa"; é nascer de cima, passar da morte para a vida (Ef 2.1-5), tornar-se nova criação: "as coisas antigas passaram, e surgiram coisas novas" (2Co 5.17).

Note a ordem maravilhosa da salvação: a graça desperta (aula 6), o coração responde com arrependimento e fé, e Deus regenera, perdoa e adota (aula 8). A vida cristã não começa com reforma moral, mas com transformação espiritual — e a reforma moral vem como consequência.

5. E quem ainda não tem certeza de que se converteu?

Talvez você esteja fazendo este curso e perceba que nunca houve, em sua vida, essa virada real de arrependimento e fé. Esta é a melhor hora. A promessa é clara e está aberta: "Todo aquele que invocar o nome do

Senhor será salvo" (Rm 10.13). Fale com Deus agora mesmo, com suas palavras: reconheça seu pecado, peça perdão, entregue sua vida a Jesus Cristo e confesse-o como seu Senhor e Salvador (Rm 10.9-10). Depois, conte ao seu pastor ou discipulador: a fé confessada em comunidade se fortalece.

Perguntas e Respostas

P. 27. O que é conversão?

R. É voltar-se do pecado para Deus, respondendo à sua graça com arrependimento e fé (At 26.18; Mc 1.15).

P. 28. O que é arrependimento?

R. É a mudança de mente, coração e direção: reconhecer o pecado, abandoná-lo e voltar-se para Deus, com fruto de obediência (Sl 51; Lc 3.8).

P. 29. O que é fé salvadora?

R. É confiar pessoalmente em Jesus Cristo, entregando-se a ele e descansando nele para a salvação (At 16.31; Ef 2.8).

P. 30. O que é o novo nascimento?

R. É a obra do Espírito Santo que nos dá nova vida, fazendo-nos nova criação em Cristo (Jo 3.3-8; 2Co 5.17).

Aplicação prática

Escreva, em poucas linhas, o seu testemunho de conversão: como era sua vida, como Deus o alcançou e o que mudou. Você vai usá-lo muitas vezes ao compartilhar sua fé (1Pe 3.15). Se preferir, use a estrutura: "Eu era... Deus me alcançou quando... Hoje eu...".

Reflexão pastoral: a conversão é a porta, não o destino. Ninguém pergunta a um casal de muitos anos se eles se lembram apenas do dia do casamento; o que importa é o amor cultivado desde então. Da

mesma forma, mais importante do que lembrar todos os detalhes do dia da conversão é estar hoje andando com Cristo.

Questões para conversa

- Qual é a diferença entre remorso e arrependimento? Ilustre com Judas e Pedro (Mt 27.3-5; Lc 22.61-62; Jo 21.15-19).
- Por que a fé que apenas "concorda" com doutrinas não salva (Tg 2.19)?
- O novo nascimento é obra de Deus, não autoajuda. Que diferença isso faz quando lutamos contra velhos hábitos?
- Como você contaria sua conversão a um amigo em dois minutos?

Compromisso da semana

Memorize Mc 1.15, escreva seu testemunho e ore pedindo uma oportunidade de compartilhá-lo.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 8

As bênçãos da salvação: justificação, regeneração, adoção e certeza

Versículo para memorizar: "Assim, justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." (Rm 5.1, NAA)

Pergunta norteadora: O que Deus declara, realiza e garante em mim no momento em que creio?

Objetivos da aula: distinguir e valorizar a justificação, a regeneração e a adoção; e firmar-se na certeza da salvação, pelo testemunho do Espírito e pelo fruto da vida transformada.

1. Justificação: declarados justos

Justificação é a declaração divina pela qual o pecador que confia na obra redentora de Cristo é perdoado e declarado justo diante de Deus (Rm 3.21-26, 28; 4.5). Como ninguém é justificado pelas obras da lei, pois todos pecaram (Gl 2.16; Rm 3.19-23), a justificação só pode ser recebida pela graça, mediante a fé.

Pense num tribunal. A acusação está fundamentada: a lei "estava contra nós" (Cl 2.14), e a sentença de morte pairava sobre todos (Rm 6.23). Mas temos um Advogado incomparável: "Jesus Cristo, o Justo" (1Jo 2.1), que é também a propiciação pelos nossos pecados (1Jo 2.2). "Pela obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm 5.19). Com base na obra de Cristo, o Juiz absolve o réu: "Agora, pois, já não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). "Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21).

Justificação não significa tornar-se eticamente perfeito de imediato; significa ser perdoado, absolvido e aceito por Deus (Sl 32.1-2; At 10.43). Ela é a base, não o cume, da vida cristã: não o fim do caminho, mas o seu começo. E com ela vem a reconciliação: de inimigos, passamos a ser recebidos em paz na presença de Deus (Rm 5.1, 10-11; Ef 2.13-18).

2. Regeneração: feitos novos por dentro

Enquanto a justificação é uma obra de Deus a nosso favor (muda a nossa posição diante dele), a regeneração é uma obra de Deus em nós (muda a nossa natureza). É o novo nascimento estudado na aula 7, visto agora em seu efeito permanente: Deus nos dá um coração novo e põe o seu Espírito dentro de nós (Ez 36.26-27), e passamos a ter vida nova para amar, obedecer e seguir Jesus (Rm 6.4; Ef 4.22-24; Cl 3.9-10). Essa nova vida é sustentada pela Palavra e pelo Espírito (1Pe 1.23).

3. Adoção: recebidos como filhos

A regeneração descreve a transformação interior; a adoção destaca o pertencimento. Em Cristo, Deus nos recebe como filhos amados: "A

todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1.12). Recebemos o Espírito de adoção, pelo qual clamamos "Aba, Pai" — expressão aramaica de intimidade filial (Rm 8.15; Gl 4.4-7). Somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo (Rm 8.17), e o próprio Cristo não se envergonha de nos chamar irmãos (Hb 2.11-12).

Ser filho muda tudo: a oração deixa de ser protocolo e vira conversa com o Pai (Mt 6.9); a provisão deixa de ser ansiedade e vira confiança (Mt 6.31-34); a disciplina deixa de ser ameaça e vira expressão de amor paterno (Hb 12.5-11); e a vida cristã vira imitação familiar: "Sejam imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5.1).

4. A certeza da salvação

Podemos saber que somos salvos? A herança wesleyana responde com alegria: sim. Deus não quer filhos vivendo em dúvida permanente. Essa certeza repousa sobre três apoios:

- **As promessas de Deus em Cristo:** "Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna" (Jo 5.24; 10.27-30). Os sentimentos oscilam; a Palavra permanece (2Tm 2.13).
- **O testemunho interno do Espírito:** "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16; 1Jo 4.13). É a doce convicção interior, que Wesley experimentou em Aldersgate, de que Cristo morreu por mim e meus pecados foram perdoados.
- **O fruto da vida transformada:** amor aos irmãos, obediência, perseverança (1Jo 2.3; 3.14; Gl 5.22-23). Não somos salvos pelo fruto, mas o fruto confirma a raiz.

Essa certeza não nos torna presunçosos. Cremos que a perseverança na fé é essencial para a salvação final (Mt 24.13; Hb 10.36; Cl 1.22-23): a segurança bíblica não é uma apólice que dispensa o relacionamento, mas a confiança de quem permanece em Cristo (Jo 15.4-6). Quem caiu pode e deve voltar: o Pai continua esperando o pródigo (Lc 15.20-24; 1Jo 2.1).

Perguntas e Respostas

P. 31. O que é justificação?

R. É a declaração de Deus que perdoa o pecador e o aceita como justo, pela graça, mediante a fé em Cristo (Rm 3.24; 5.1).

P. 32. O que é regeneração?

R. É a obra de Deus em nós: o novo nascimento que nos faz novas criaturas, com um coração novo (Ez 36.26; 2Co 5.17).

P. 33. O que é adoção?

R. É o ato amoroso de Deus que nos recebe como filhos e herdeiros, dando-nos o Espírito pelo qual clamamos "Aba, Pai" (Jo 1.12; Rm 8.15-17).

P. 34. Como posso saber que sou salvo?

R. Pelas promessas de Deus, pelo testemunho do Espírito em meu coração e pelo fruto de uma vida transformada (Jo 5.24; Rm 8.16; 1Jo 3.14).

P. 35. O cristão pode abandonar a salvação?

R. A Escritura nos adverte a perseverar na fé até o fim; quem permanece em Cristo está seguro, e quem caiu é chamado a voltar (Mt 24.13; Jo 15.4-6; 1Jo 2.1).

Aplicação prática

Quando o acusador trazer a lembrança dos pecados passados já confessados, responda com a Palavra: "Já não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). A memória do pecado perdoado deve produzir gratidão, não culpa.

Reflexão pastoral: muitos crentes sinceros oscilam entre a presunção ("uma vez salvo, posso viver como quiser") e o pânico ("qualquer falha me condena"). O caminho bíblico é a confiança filial: o filho que tropeça dentro de casa não perde a filiação; levanta-se, é perdoado e continua andando com o Pai (Pv 24.16; 1Jo 1.9).

Questões para conversa

- Com a imagem do tribunal, explique a justificação com suas palavras.
- Qual é a diferença entre o que Deus faz por nós (justificação) e em nós (regeneração)?
- O que muda no dia a dia de quem se sabe filho adotivo e herdeiro de Deus?
- Dos três apoios da certeza da salvação, qual você mais precisa fortalecer? Como?

Compromisso da semana

Memorize Rm 5.1 e, cada manhã, agradeça a Deus por três bênçãos: perdão (justificação), vida nova (regeneração) e filiação (adoção).

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 9

Santidade de vida: a santificação e o amor perfeito

Versículo para memorizar: "pelo contrário, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos também vocês em todo o seu procedimento, porque está escrito: 'Sejam santos, porque eu sou santo.'" (1Pe 1.15-16, NAA)

Pergunta norteadora: Deus me aceitou como sou; vai me deixar como estou?

Objetivos da aula: compreender a santificação como obra de Deus com participação humana; conhecer a doutrina wesleyana da inteira santificação (amor perfeito); e perceber o alcance pessoal e social da vida santa.

1. O que é santificação?

Santificação é o processo contínuo de transformação pela qual o Espírito Santo nos separa para Deus, nos purifica e nos faz crescer à semelhança de Cristo (Rm 8.29; 2Co 3.18; 1Ts 4.3). Na imagem da casa de Wesley: a justificação é a porta; a santificação são os cômodos, onde se vive e se cresce. A justificação muda nossa posição diante de Deus; a santificação muda progressivamente nossa natureza, caráter e comportamento. São distintas, mas jamais separadas (1Co 6.11).

A jornada começa na regeneração e continua por toda a vida cristã, rumo à conformidade com a imagem de Cristo, que é o padrão máximo de santidade (Hb 1.3; Ef 4.13; 1Jo 2.6). Na prática, santidade é a fé atuando pelo amor (Gl 5.6): amar a Deus de todo o coração, amar o próximo como a nós mesmos e deixar que esse amor governe palavras, atitudes e ações (Mt 22.37-39).

2. Obra de Deus, com a nossa participação

O Espírito Santo é o agente primordial da santificação (1Ts 4.7-8; 2Ts 2.13).

Mas a obra de Deus em nós nos capacita a cooperar com ele:

"desenvolvam a salvação de vocês com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar" (Fp 2.12-13). Por isso a Escritura nos chama à consagração: apresentar o corpo "como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus", e ser transformados "pela renovação da mente" (Rm 12.1-2); considerar-nos mortos para o pecado e vivos para Deus (Rm 6.11); e usar com diligência os meios de graça, que estudaremos na próxima aula.

A santificação envolve, assim, crise e processo: momentos decisivos de entrega total e um caminho diário de crescimento, no qual não há nível de maturidade que dispense progresso (Fp 3.12-14).

3. A inteira santificação: o amor perfeito

A nossa herança wesleyana crê que a graça de Deus pode ir fundo. A inteira santificação, também chamada de amor perfeito ou perfeição cristã, é uma obra profunda da graça pela qual o Espírito Santo purifica o

coração do crente e o enche de amor a Deus e ao próximo (1Ts 5.23-24; 1Jo 4.17-18; Hb 12.14). É a resposta de Deus à antiga promessa: "Darei a vocês um coração novo... porei dentro de vocês o meu Espírito e farei com que andem nos meus estatutos" (Ez 36.26-27; Dt 30.6).

É preciso dizer com clareza o que isso não significa. Não significa perfeição absoluta, infalibilidade ou ausência de limitações humanas; mesmo os mais íntimos de Deus carregam imperfeições decorrentes da queda e dependem diariamente dos méritos do sangue de Cristo, como o próprio Wesley insistia. Também não significa um estado que dispense crescimento: não há perfeição que não admita contínuo amadurecimento.

Significa, positivamente, que o amor de Deus pode governar o coração de modo pleno, vencendo a rebeldia interior, de tal forma que o crente ame a Deus de todo o coração e sirva ao próximo com amor sincero. Essa graça é recebida pela fé (Mt 19.26) e confirmada numa vida contínua de obediência e humildade. "Todos podem ser salvos completamente": esta é a nota mais alta do canto metodista.

4. Santidade que transforma a sociedade

A santidade bíblica nunca é fuga do mundo; é sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16). Uma vida santificada serve, ama, promove justiça e compaixão (Gl 5.13; Tg 1.27; Lc 10.25-37), fortalece a credibilidade do testemunho cristão (1Pe 2.12) e influencia positivamente a sociedade — foi assim no avivamento wesleyano, que impactou a Inglaterra inteira. Santidade pessoal e responsabilidade social são as duas asas do mesmo voo.

E não caminhamos sozinhos: a "grande nuvem de testemunhas" (Hb 12.1) — os heróis da fé de ontem e os irmãos de hoje — nos anima a deixar todo peso e o pecado que nos envolve e a correr com perseverança.

Perguntas e Respostas

P. 36. O que é santificação?

R. É o processo contínuo pelo qual o Espírito Santo nos transforma à semelhança de Cristo, em amor a Deus e ao próximo (2Co 3.18; 1Ts 4.3).

P. 37. A santificação é obra de Deus ou nossa?

R. É obra de Deus, que nos capacita e exige nossa cooperação: consagração, obediência e uso dos meios de graça (Fp 2.12-13).

P. 38. O que é a inteira santificação?

R. É a obra da graça pela qual o Espírito purifica o coração e o enche de amor perfeito a Deus e ao próximo, recebida pela fé (1Ts 5.23; Mt 22.37-39).

P. 39. O cristão santificado ainda pode crescer e errar?

R. Sim. O amor perfeito não é perfeição absoluta: permanecem limitações humanas e a necessidade de crescimento e da graça diária (Fp 3.12-14).

P. 40. Para que serve a santidade?

R. Para a glória de Deus, o nosso bem e o bem do mundo: a vida santa serve, ama e transforma a sociedade (Mt 5.13-16).

Aplicação prática

Identifique uma área específica em que o amor de Deus ainda não governa plenamente sua vida (temperamento, língua, dinheiro, pureza, perdão). Consagre-a deliberadamente a Deus em oração e estabeleça um passo concreto de obediência, prestando contas a um irmão maduro.

Reflexão pastoral: ninguém aprende a andar sem alguns tropeços, e o Pai não desiste dos filhos que estão aprendendo. Quando cair, não fique caído nem esconda a queda: confesse, levante-se e continue (Pv 24.16; 1Jo 1.9). Santidade é direção, perseverança e graça — não desempenho perfeito de uma semana.

Questões para conversa

- Por que justificação e santificação não podem ser separadas, embora sejam distintas?
- O que significa, na prática, "apresentar o corpo como sacrifício vivo" (Rm 12.1-2)?
- Como a doutrina do amor perfeito evita tanto o desânimo ("nunca vou mudar") quanto o orgulho espiritual ("já cheguei")?
- Cite exemplos concretos de como a santidade pessoal pode gerar impacto social na sua comunidade.

Compromisso da semana

Memorize 1Pe 1.15-16 e consagre a Deus, em oração específica, a área da vida que ele apontou nesta aula.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 10

Os meios de graça: oração, Palavra e comunhão

Versículo para memorizar: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações." (At 2.42, NAA)

Pergunta norteadora: Como um cristão se mantém espiritualmente vivo, nutrido e crescendo?

Objetivos da aula: conhecer os meios de graça e seu lugar na vida cristã; aprender princípios bíblicos de oração a partir do Pai Nosso; e firmar hábitos espirituais sustentáveis, incluindo a mordomia dos bens.

1. O que são os meios de graça?

Os meios de graça são práticas pelas quais Deus costuma fortalecer e nutrir a vida espiritual do seu povo. John Wesley destacava entre eles a

oração, a leitura e o estudo das Escrituras, a Ceia do Senhor, o jejum, a comunhão cristã e a adoração (At 2.42; Mt 6.6, 16-18; 1Co 11.26; Cl 3.16; Hb 10.24-25).

Atenção ao princípio: essas práticas não compram a graça de Deus nem funcionam como mérito ou magia. Elas nos colocam na posição de receber a graça com mais atenção, humildade e constância — como janelas abertas para o sol que já brilha. A igreja primitiva perseverava nelas (At 2.42), e não há vida cristã madura sem elas.

2. A oração: conversa com o Pai

A oração é diálogo sincero com Deus: fala e escuta, adoração, confissão, gratidão, petição e intercessão (Fp 4.6-7; Mt 6.6). Deve ser conversa autêntica, sem artificialidade: o Pai não se impressiona com repetições vãs nem com exibições espirituais (Mt 6.5-8). Ela transforma o suplicante e, muitas vezes, as circunstâncias (Tg 5.16), e ganha força especial quando feita em grupo (Mt 18.19-20; At 4.24-31).

Jesus nos ensinou os princípios da boa oração no Pai Nosso (Mt 6.9-13): dirigir-se a Deus como Pai, com intimidade; santificar o seu nome, com adoração; buscar em primeiro lugar o seu Reino e a sua vontade; pedir com confiança o pão de cada dia; pedir perdão, perdoando a quem nos ofendeu (Mt 6.14-15; 18.21-35); e buscar proteção contra a tentação e o mal.

Duas advertências importantes: a oração cristã é dirigida a Deus, em nome de Jesus, nosso único mediador (Jo 16.23; 1Tm 2.5) — por isso não oramos a santos falecidos nem consultamos os mortos (Dt 18.10-12; Is 8.19); e a oração eficaz pede com fé (Mc 11.24; Tg 1.6-7) e com motivos puros (Tg 4.3), em submissão à vontade do Pai (Lc 22.42).

3. A Palavra, o jejum e a comunhão

A Palavra. Já vimos na aula 2 como ler a Bíblia. Aqui o acento é devocional: a Palavra é alimento diário (Mt 4.4; 1Pe 2.2), tesouro guardado no coração contra o pecado (Sl 119.11) e fonte da fé (Rm 10.17).

Uma sempre oração e Escritura: na Bíblia Deus fala conosco; na oração respondemos a ele.

O jejum. Jesus disse "quando vocês jejuarem", não "se" (Mt 6.16-18). O jejum é abrir mão voluntariamente de alimento (ou de outra coisa legítima) por um tempo, para buscar a Deus com intensidade, humilhar-se diante dele e fortalecer a oração (At 13.2-3; Jl 2.12). Sem alarde e sem legalismo.

A comunhão. O crescimento espiritual se dá em comunidade: culto, pequeno grupo, mútua exortação (Hb 10.24-25; Cl 3.16). Veremos mais na aula 11.

4. A mordomia: a graça e os nossos bens

Há um meio de graça frequentemente esquecido: a generosidade. Tudo o que temos pertence a Deus; somos mordomos, administradores, não donos (Sl 24.1; 1Cr 29.14). O cristão honra a Deus com a entrega de dízimos e ofertas, com alegria e fidelidade (Mt 23.23; Pv 3.9; 2Co 9.6-7), sustenta a obra do Evangelho (1Co 9.13-14; Fp 4.15-19) e socorre os necessitados (Gl 2.10; 1Jo 3.17). Dar quebra o poder do egoísmo e da ansiedade, e ensina o coração a confiar no Pai (Mt 6.19-21, 24-34). Mordomia inclui também o tempo, os talentos e o cuidado com o corpo, templo do Espírito (1Co 6.19-20; Ef 5.15-16).

Perguntas e Respostas

P. 41. O que são os meios de graça?

R. São práticas — oração, Escritura, Ceia do Senhor, jejum, comunhão e adoração — pelas quais Deus fortalece e nutre a nossa vida espiritual (At 2.42).

P. 42. Os meios de graça compram o favor de Deus?

R. Não. Eles não são mérito nem magia; apenas nos colocam em posição de receber a graça com atenção, humildade e constância.

P. 43. A quem dirigimos a oração?

R. Somente a Deus, em nome de Jesus Cristo, nosso único mediador, no poder do Espírito (Jo 16.23; 1Tm 2.5; Ef 2.18).

P. 44. O que é mordomia cristã?

R. É administrar para a glória de Deus tudo o que ele nos confiou: bens, tempo, talentos e corpo, com generosidade e fidelidade (Sl 24.1; 2Co 9.7).

Aplicação prática

Monte sua "regra de vida" semanal, simples e realista: um horário diário de oração e leitura bíblica (comece com 15 minutos), participação no culto e num pequeno grupo, um dia (ou refeição) de jejum quando houver necessidade especial, e a decisão de fidelidade nos dízimos e ofertas. Escreva e compartilhe com seu discipulador.

Reflexão pastoral: a vida devocional não é prova de amor que oferecemos a Deus, mas mesa que ele põe para nós. Quem pula refeições enfraquece; quem se alimenta sem pressa cresce. Nos dias áridos, quando "não sentir nada", permaneça à mesa: a constância silenciosa também é fé — e os afetos retornam.

Questões para conversa

- Qual é a diferença entre usar os meios de graça e confiar neles como mérito?
- Percorra o Pai Nosso frase por frase: o que cada pedido ensina sobre prioridades na oração?
- Por que perdoar é condição tão enfatizada por Jesus na vida de oração (Mt 6.14-15)?
- Em que área da mordomia (bens, tempo, talentos, corpo) Deus está chamando você a um passo de obediência?

Compromisso da semana

Memorize At 2.42 e pratique, durante sete dias, sua regra de vida: oração e Palavra diárias, anotando o que Deus falar com você.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 11

A Igreja, os sacramentos e a membresia

Versículo para memorizar: "Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também é Cristo." (1Co 12.12, NAA)

Pergunta norteadora: Por que não basta "crer em Deus do meu jeito" — por que preciso da igreja, do batismo, da Ceia e da membresia?

Objetivos da aula: compreender a natureza da Igreja como povo de Deus e corpo de Cristo; conhecer o significado do Batismo e da Ceia do Senhor; descobrir seu lugar de serviço com os dons espirituais; e preparar-se para assumir a aliança de membro.

1. O que é a Igreja?

A Igreja de Jesus Cristo é a comunidade de todos os que pertencem ao Senhor em todo o mundo: povo de Deus, corpo de Cristo, templo do Espírito, família de Deus, noiva do Cordeiro (1Pe 2.9; 1Co 12.12-27; Ef 2.19-22; Ap 19.7-9). Cristo é seu Senhor e Cabeça (Ef 1.22; Cl 1.18); o Espírito Santo, sua vida e poder (At 1.8). Ela foi comprada pelo precioso sangue de Cristo (At 20.28; Ef 5.25) e é a única comunidade que durará para sempre (Mt 16.18; Ef 3.21).

A igreja local é a expressão concreta dessa realidade: nela a Palavra é anunciada, os sacramentos são celebrados e os discípulos são cuidados e enviados (At 2.41-47). A Igreja é, ao mesmo tempo, divina e humana, ideal e imperfeita (1Jo 1.8); por isso vive em constante renovação (Rm 12.1-2). A vida cristã não é individualista: somos membros interdependentes de um corpo, e o crescimento espiritual acontece na comunhão (Ef 4.11-

16). Daí a exortação: "Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns" (Hb 10.25).

2. O Batismo

Sacramentos são sinais visíveis instituídos por Cristo para comunicar e confirmar a sua graça ao seu povo. Não são cerimônias vazias nem rituais mágicos: devem ser recebidos com arrependimento, fé e confiança na obra de Cristo. Na Igreja Metodista Livre celebramos dois: o Batismo e a Ceia do Senhor.

O Batismo é o sacramento de iniciação na comunidade da fé. Administrado com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19), ele aponta para o perdão dos pecados (At 2.38; 22.16), para a união com Cristo em sua morte e ressurreição (Rm 6.3-4; Cl 2.12) e para a nossa incorporação ao corpo de Cristo (1Co 12.13; Gl 3.27). Já o Antigo Testamento o prefigurava em símbolos de purificação (Ez 36.25-27; 2Rs 5.10-14).

Quanto à forma, o batismo pode ser realizado por imersão, aspersão ou derramamento: a imersão expressa belamente a identificação com a morte e ressurreição de Cristo (Rm 6.4), enquanto a aspersão e o derramamento ecoam os rituais bíblicos de purificação e o derramar do Espírito (Ez 36.25; At 1.5; Tt 3.5-6). O essencial não é a quantidade de água, mas a realidade da fé e a graça significada. Quem ainda não foi batizado deve buscar o batismo, pois ele é o passo público de obediência que antecede a membresia (At 2.38-41).

A Igreja Metodista Livre batiza filhos de famílias cristãs com base na continuidade da aliança da graça. No Antigo Testamento, os filhos dos crentes integravam o povo da aliança e recebiam seu sinal (Gn 17.7-12). No Novo Testamento, essa promessa é ampliada: "Pois para vocês é a promessa, para os seus filhos e para todos os que estão longe" (At 2.39). Paulo relaciona batismo e circuncisão como sinais da obra de Deus na formação do seu povo (Cl 2.11-12); Atos registra batismos de famílias inteiras (At 16.15,33; 1Co 1.16); e Jesus acolheu crianças, declarando que o Reino lhes pertence (Mc 10.13-16). O batismo infantil é também sinal da

inclusão da criança na comunidade da aliança e do compromisso dos pais e da igreja de educá-la na fé. Ao crescer, ela deverá confirmar pessoalmente essa fé, assumindo conscientemente os votos de discípulo de Cristo.

Três argumentos que reforçam essa prática. Primeiro, o selo da fé foi aplicado antes da consciência: Paulo chama a circuncisão de Abraão de “selo da justiça da fé” (Rm 4.11), e, ainda assim, Deus ordenou que esse mesmo selo fosse aplicado a bebês de oito dias (Gn 17.12), com base na promessa feita à família e antes de qualquer resposta consciente da criança; na economia divina, o sinal visível sempre antecedeu a compreensão. Segundo, a lógica da aliança superior: se a Nova Aliança é “superior” e se apoia em “superiores promessas” (Hb 8.6), não pode ser menos generosa com os filhos dos crentes do que a antiga; seria como um plano de saúde “melhor” que deixasse de cobrir as crianças. Na Bíblia a graça sempre se expande, nunca sofre retração. Terceiro, o silêncio da igreja apostólica: os primeiros cristãos eram judeus, habituados a ver os filhos dentro da aliança; se os apóstolos tivessem excluído as crianças, haveria em Atos e nas epístolas um debate tão acalorado quanto o da circuncisão dos gentios (At 15), e esse debate não existe. A transição foi orgânica: o batismo tomou o lugar da circuncisão (Cl 2.11-12), e a promessa continuou sendo “para os seus filhos” (At 2.39).

3. A Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor é o sacramento da nutrição e renovação contínua do crente. Instituída por Jesus na última ceia (Lc 22.19-20; 1Co 11.23-26), nela recordamos e proclamamos a morte do Senhor até que ele venha, participamos dele pela fé e renovamos a esperança da sua vinda.

Como entendemos a presença de Cristo na Ceia? Cremos que Cristo está verdadeiramente presente nesse sacramento, servindo ao seu povo os benefícios da sua graça; os elementos, porém, não se transformam literalmente em seu corpo e sangue, nem devem ser adorados. Seu corpo é recebido de maneira espiritual, pela fé. Como cantavam os Wesley nos seus hinos eucarísticos: "a graça é certa e real; a maneira é

desconhecida". Por isso participamos com reverência e alegria, examinando-nos antes (1Co 11.27-29), certos de que à mesa do Senhor somos fortalecidos, santificados e renovados.

4. Dons espirituais: seu lugar no corpo

No corpo de Cristo, ninguém é dispensável. O Espírito Santo distribui dons a todos os crentes, conforme a sua vontade, para o bem comum e a edificação da igreja (1Co 12.4-11; Rm 12.6-8; 1Pe 4.10-11). Os dons não são troféus para distinção pessoal, mas ferramentas de serviço, e devem ser exercidos com amor — sem o qual nada valem (1Co 13.1-3) —, com ordem e decência no culto (1Co 14.26-40) e sob o crivo das Escrituras (1Co 14.29; 1Jo 4.1). Mais importante do que buscar dons específicos é buscar a plenitude do Espírito e o seu fruto (Ef 5.18; Gl 5.22-23): os verdadeiros discípulos são reconhecidos pelos frutos, não pelos dons (Mt 7.16).

5. A membresia: uma aliança

Para tornar-se membro da Igreja Metodista Livre, a pessoa confessa Jesus Cristo como Senhor e Salvador, aceita o desafio de servi-lo na vida da igreja e do mundo, recebe o batismo (caso ainda não seja batizada) e assume a Confissão e Aliança de Membro, que se compromete: quanto a Deus, a adorá-lo, cultivar a devoção, guardar o Dia do Senhor e dar lealdade a Cristo e à igreja; quanto a si e aos outros, a viver com integridade e santidade, livre do que corrompe a mente e prejudica o corpo, respeitando o valor de cada pessoa como imagem de Deus; quanto às instituições de Deus, a honrar a família, ser cidadão responsável e orar pelas autoridades; e, quanto à igreja, a contribuir para a unidade, praticar a mordomia cristã e fazer discípulos. O texto completo da Aliança encontra-se no apêndice deste curso.

Membresia não é burocracia: é aliança pública de amor e compromisso, como um casamento. Mostra que levamos a sério o corpo do qual Cristo nos fez membros.

Perguntas e Respostas

P. 45. O que é a Igreja?

R. É o povo de Deus e o corpo de Cristo: a comunidade de todos os que pertencem ao Senhor, da qual Cristo é a Cabeça (1Pe 2.9; Ef 1.22).

P. 46. O que são os sacramentos?

R. São sinais visíveis instituídos por Cristo para comunicar e confirmar sua graça: o Batismo e a Ceia do Senhor, recebidos com fé (Mt 28.19; 1Co 11.23-26).

P. 47. O que significa o Batismo?

R. O perdão dos pecados, a união com Cristo em sua morte e ressurreição e a entrada no corpo de Cristo (At 2.38; Rm 6.3-4; 1Co 12.13).

P. 48. O que recebemos na Ceia do Senhor?

R. Pela fé, comunhão real com Cristo e os benefícios da sua graça, proclamando sua morte até que ele venha (1Co 10.16; 11.26).

P. 49. Para que servem os dons espirituais?

R. Para o serviço e a edificação da igreja, exercidos com amor, ordem e humildade (1Co 12.7; 13.1-3).

P. 50. O que é a membresia?

R. É a aliança pública pela qual o cristão batizado se compromete com Cristo e com sua igreja local, em adoração, santidade, comunhão e missão.

Aplicação prática

Se você ainda não foi batizado, converse com seu pastor sobre o batismo. Se já é batizado, prepare-se para a recepção como membro: leia a Aliança de Membro no apêndice, ore sobre cada compromisso e identifique um ministério da igreja em que possa servir com seus dons.

Reflexão pastoral: a pergunta madura não é "o que a igreja tem para mim?", mas "o que Cristo quer fazer, por meio de mim, na sua igreja?". Membros consumidores enfraquecem o corpo; membros servidores o edificam (Ef 4.16).

Questões para conversa

- Por que a vida cristã não pode ser vivida sem a igreja local (Hb 10.24-25)?
- O que o batismo expressa, e por que ele antecede a membresia?
- Como participar da Ceia "dignamente" (1Co 11.27-29) sem cair no medo de nunca ser digno?
- Que dons e talentos você percebe em si? Onde eles podem servir o corpo?

Compromisso da semana

Memorize 1Co 12.12, leia a Aliança de Membro e converse com seu pastor sobre batismo e membresia.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Aula 12

A esperança cristã e a missão

Versículo para memorizar: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá." (Jo 11.25, NAA)

Pergunta norteadora: Para onde caminha a história — e o que devo fazer enquanto Cristo não volta?

Objetivos da aula: firmar a esperança na volta de Cristo, na ressurreição e na nova criação; compreender o juízo final com seriedade e equilíbrio; e assumir o chamado missionário como estilo de vida.

1. O Reino de Deus: já e ainda não

O Reino de Deus é o governo de Deus sobre tudo o que existe. Ele já chegou com a primeira vinda de Jesus (Mc 1.15; Mt 12.28; Lc 17.21), mas ainda não foi plenamente consumado. Por isso a vida cristã acontece entre o "já" e o "ainda não": Cristo já reina (Ef 1.20-23), e ainda esperamos a manifestação final do seu Reino, quando ele entregar tudo ao Pai e Deus for tudo em todos (1Co 15.24-28). Essa perspectiva nos guarda de dois erros: o triunfalismo, que espera um paraíso antes do tempo, e o desespero, que se esquece de quem está no trono.

2. A volta de Cristo e a ressurreição

A volta de Cristo é certa, pessoal e visível a todos (At 1.11; Ap 1.7), embora ninguém saiba o dia nem a hora (Mt 24.36). Não nos perdemos em especulações de datas e cronogramas; a resposta bíblica à promessa da vinda é alegre expectativa, vigilância, prontidão e dedicação (Tt 2.11-14; Mt 24.42-44; 1Ts 4.13-18).

Nossa esperança não é apenas "ir para o céu quando morrer". A esperança cristã é maior: a ressurreição do corpo e a renovação de toda a criação. Assim como Jesus ressuscitou corporalmente, também os que lhe pertencem ressuscitarão na sua vinda, com corpos transformados e gloriosos (1Co 15.20-23, 42-57; Jo 5.28-29; Fp 3.20-21). A própria criação, que geme, será liberta (Rm 8.18-25), e Deus habitará com o seu povo em novos céus e nova terra: "Ele enxugará dos olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem haverá mais tristeza, nem choro, nem dor" (Ap 21.1-5).

3. O juízo final: justiça perfeita

Deus marcou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de Jesus Cristo (At 17.31; 2Tm 4.1). Todos compareceremos diante dele, e cada pessoa será julgada com perfeita justiça e imparcialidade, de acordo com a luz e as oportunidades que recebeu (Rm 2.6-16; 2Co 5.10; Lc 12.47-48). Os que estão em Cristo não precisam temer condenação

(Rm 8.1; Jo 5.24): para o crente, o juízo revela a fidelidade do Salvador e recompensa o serviço prestado com amor (1Co 3.12-15; Mt 25.21).

Para os que recusarem a graça de Deus até o fim, a Escritura fala com seriedade de condenação, castigo, exclusão da presença do Senhor, destruição e morte eterna (Mt 25.46; 2Ts 1.9; Rm 6.23; Ap 20.11-15). Sobre a natureza exata desse castigo, cristãos fiéis à Bíblia reconhecem textos que falam de tormento e textos que falam de destruição final; em tudo, porém, afirmamos com confiança: o Juiz de toda a terra fará justiça (Gn 18.25), seu juízo será perfeitamente justo e proporcional, e ninguém se perderá por falta de amor da parte de Deus, que não quer que ninguém pereça (2Pe 3.9; Ez 33.11). A resposta certa a essa doutrina não é especulação, mas reverência, gratidão pela salvação e urgência missionária.

4. Enquanto ele não vem: a missão

A esperança não nos tira do mundo; ela nos envia ao mundo. Jesus delegou aos seus discípulos a Grande Comissão: "façam discípulos de todas as nações, batizando-os... ensinando-os a obedecer" (Mt 28.19-20), no poder do Espírito Santo (At 1.8). A missão dirige tudo o que fazemos como Igreja Metodista Livre: pregamos o Evangelho a todos, com atenção especial aos pobres e marginalizados (Lc 4.18); acolhemos a todos, crendo que até o pecador mais distante pode tornar-se discípulo fiel (Lc 15.11-32); discipulamos em pequenos grupos (At 2.42-47); e buscamos a transformação de pessoas, famílias, cidades e nações, espalhando a santidade bíblica por toda a terra.

E a missão começa onde você está: em casa, no trabalho, na escola, na vizinhança. Todo discípulo é testemunha (At 1.8); todo membro é ministro do corpo de Cristo (1Pe 4.10).

5. Como continuar bem depois deste curso

Este curso termina, mas a caminhada continua. Firme os hábitos que aprendemos: ore todos os dias com sinceridade; leia a Bíblia com

regularidade; congregue fielmente e caminhe com outros cristãos; participe da Ceia do Senhor; obedeça ao que Deus já lhe mostrou; sirva com seus dons; contribua com fidelidade; e fale de Jesus a outras pessoas (Js 1.8; Sl 1.1-3; At 2.42; Hb 10.24-25; Tg 1.22; Mt 28.19-20). A vida cristã é uma caminhada: crescemos passo a passo, pela graça de Deus, em comunhão com a igreja e na dependência do Espírito Santo — até o dia em que o veremos face a face (1Co 13.12; Ap 22.4).

Perguntas e Respostas

P. 51. O que é o Reino de Deus?

R. É o governo de Deus, que já chegou em Jesus e será plenamente consumado na sua volta; vivemos entre o "já" e o "ainda não" (Mc 1.15; 1Co 15.24-28).

P. 52. O que cremos sobre a volta de Cristo?

R. Que ele voltará pessoal e visivelmente, em dia e hora que ninguém sabe; por isso vivemos em vigilância, santidade e serviço (At 1.11; Mt 24.42-44).

P. 53. Qual é a esperança final do cristão?

R. A ressurreição do corpo e a vida eterna com Deus em novos céus e nova terra, onde não haverá mais morte, choro ou dor (1Co 15.20-23; Ap 21.1-5).

P. 54. O que é o juízo final?

R. É o dia em que Deus julgará o mundo com perfeita justiça, por meio de Cristo; os que estão nele não temem condenação (At 17.31; Rm 8.1).

P. 55. Qual é a missão da Igreja enquanto Cristo não volta?

R. Fazer discípulos de todas as nações, no poder do Espírito, unindo evangelização, compaixão e justiça (Mt 28.19-20; At 1.8).

Aplicação prática

Faça um "inventário de esperança": escreva os medos que a volta de Cristo e a ressurreição respondem (morte, injustiça impune, sofrimento sem sentido) e transforme cada um em motivo de gratidão e oração. Depois, escreva o nome de três pessoas que você deseja ver com você na nova criação — e comece a orar e agir por elas.

Reflexão pastoral: a escatologia bíblica não foi dada para alimentar curiosidade, mas para consolar os aflitos (1Ts 4.18), santificar os remidos (1Jo 3.2-3) e mobilizar a igreja para a missão (Mt 24.14). Se o estudo do futuro não produzir consolo, santidade e missão, erramos o alvo.

Questões para conversa

- O que muda na vida diária de quem crê que Cristo já reina, mesmo num mundo caótico?
- Por que a ressurreição do corpo é uma esperança maior do que apenas "a alma ir para o céu"?
- Como falar do juízo final com seriedade, sem terrorismo espiritual e sem banalização?
- Quais são os seus "três nomes" — e qual será o seu primeiro passo em direção a eles?

Compromisso da semana

Memorize Jo 11.25, apresente seus "três nomes" a Deus em oração diária e marque com seu pastor os próximos passos: batismo, membresia e um lugar de serviço.

Toque no cartão para ver a resposta; toque de novo para voltar.

Compartilhe esta página

WhatsApp

Facebook

X

E-mail

Copiar link